

## RESUMO DO EXISTIDO: SOBRE A BIOGRAFIA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

OLIVEIRA, Eloisa da Rosa<sup>1</sup>

*Os cacos da vida, colados, formam uma estranha xícara.  
Sem uso,  
Ela nos espia do aparador.  
(Cerâmica, Carlos Drummond de Andrade)*

**RESUMO:** Nos anos 1990, o mercado editorial das biografias cresceu notavelmente cerca de 50%. É o que apontam as pesquisas de Micael Herschmann e Carlos Alberto Messeder Pereira no texto “O *Boom* da biografia e do biográfico”. Segundo os pesquisadores, “As narrativas do *self* e da memória vêm se tornando, cada vez mais, cruciais para a organização da sociedade contemporânea.” (2005, p. 143). Ainda para eles, “apesar do esforço isolado de alguns autores em reconhecer a relevância do biográfico na contemporaneidade, a demanda social por este tipo de produção não tem garantido uma maior atenção por parte da crítica, nem da academia.” (2005, p. 150). Diante desse contexto, em que a biografia tem sido, recorrentemente, tratada como gênero menor, é que desponta a justificativa pela escolha do objeto de estudo do presente trabalho.

**Palavras-chave:** Carlos Drummond de Andrade. Literatura. Biografia.

Nos anos 1990, o mercado editorial das biografias cresceu notavelmente cerca de 50%. É o que apontam as pesquisas de Micael Herschmann e Carlos Alberto Messeder Pereira no texto “O *Boom* da biografia e do biográfico”. Segundo os pesquisadores, “As narrativas do *self* e da memória vêm se tornando, cada vez mais, cruciais para a organização da sociedade contemporânea.” (2005, p.143) Ainda para eles, “apesar do esforço isolado de alguns autores em reconhecer a relevância do biográfico na contemporaneidade, a demanda social por este tipo de produção não tem garantido uma maior atenção por parte da crítica, nem da academia.” (2005, p.150) Diante desse contexto, em que a biografia tem sido, recorrentemente, tratada como gênero menor, é que desponta a justificativa pela escolha do objeto de estudo do presente trabalho.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras (UNESC), Mestre em Teoria Literária (PPGL-UFSC) e doutoranda (PPG-UFSC).

A partir das discussões e leituras realizadas no curso “Literatura, história e memória - Pactos auto(bio)gráficos funções e fabulações”<sup>2</sup> surgiu o interesse em analisar a biografia do poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade, escrita por José Maria Cançado, lançada pela primeira vez em 1993 e reeditada em 2006 pela editora Globo. O objetivo principal que direcionou este estudo trata-se de, além de estudar a obra *Os Sapatos de Orfeu*, colocar em discussão a tarefa do biógrafo frente aos desafios da escrita biográfica (e também historiográfica), bem como revisar o movimento teórico que se tem estabelecido a respeito do tema.

Sobre a tarefa de biografar, penso que se parece com a de quem cola cacos de uma vida e ao final se depara com uma estranha xícara, como diz o poeta Drummond em epígrafe. Desde o início de tal tarefa, o biógrafo já deve estar ciente da impossibilidade de restituir essa xícara, pois a vida sempre escapa. E é, de fato, uma ilusão biográfica pensar que podemos dar conta de explicá-la e registrá-la em sua totalidade. Da mesma maneira, dá-se o trabalho do historiador, que, numa perspectiva mais aberta sobre a história, não deve concebê-la como algo passível de resgate e, portanto, linear. Pelo contrário, é preciso estar ciente de que, como diz Walter Benjamin, “a história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’” (BENJAMIN, 1986, p. 229).

Partindo desses pressupostos, assumo desde já, na escrita deste trabalho, a escolha pela concepção histórica benjaminiana, que define a tarefa do historiador, preocupado com o passado, como ato de garimpar, juntar cacos, revisar ruínas de um pretérito de forma a (re) significá-lo no presente, em exercício de rememoração<sup>3</sup>. Desse modo, pensar na figura do

---

<sup>2</sup> Curso ministrado pela Professora Dr. Tânia Regina Ramos de Oliveira no primeiro semestre de 2012, no Programa de Pós Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>3</sup> O sentido da palavra rememoração é atribuído na obra de Benjamin à junção da memória e da ação. Assim, lembrar o passado não deve ser apenas um exercício de lembrar, memorar, mas também uma ação situada no presente, voltada para o futuro.

biógrafo se define, para mim, como tarefa tão complexa quanto pensar na figura do historiador, posto que ambos, salvo suas nuances, preocupam-se em registrar fatos do passado em um tempo presente.

A respeito da aproximação dessas duas vertentes, Giovanni Levi, no texto “Uso das Biografias”, fala sobre dois momentos: o primeiro, quando se podia narrar a vida de alguém abstraindo-se de qualquer fato histórico; o segundo, quando se podia relatar um fato histórico excluindo qualquer vínculo com características individuais. Por fim, diz: “Vivemos hoje uma fase intermediária: mais do que nunca a biografia está no centro das preocupações dos historiadores, mas denuncia claramente suas ambiguidades” (LEVI, 2005, p.167). O autor adota no texto uma cara perspectiva sobre essa crise de paradigmas entre biografia e historiografia e arremata dizendo:

A meu ver, a maioria das questões metodológicas da historiografia contemporânea diz respeito à biografia, sobretudo as relações com as ciências sociais, os problemas das escalas de análise e das relações entre regras e práticas, bem como aqueles, mais complexos, referentes aos limites da liberdade e da racionalidade humanas. (...) A biografia constitui na verdade o canal privilegiado através do qual os questionamentos e as técnicas peculiares da literatura se transmitem à historiografia. (LEVI, 2005, p. 168).

Assim, decidir escrever sobre a vida de alguém é decidir, também, contar uma história dentro de outras histórias. Ato que exige cuidadosa seleção dos cacos/fatos que serão remontados e anunciados nesse processo de escritura. Alinhado a esta visão teórica, o poeta Drummond escreveu em seus versos:

(IN) MEMÓRIA  
De cacos, de buracos  
de hiatos e de vácuos  
de elipses, psius  
faz-se, desfaz-se, faz-se  
uma incorpórea face,  
resumo do existido.  
(ANDRADE, 2006, p. 27)

Esta é a função do biógrafo e historiador: resumir o existido. Para isso, deve se levar em conta essa noção de fragmentos, buracos, hiatos, vácuos inerentes a qualquer história, abrindo mão do desejo de resumir um existido, tal como ele realmente foi. José Maria Cançado parece ser adepto a essa consciência e anuncia logo no primeiro parágrafo da “nota do autor”:

Esta é uma biografia de Carlos Drummond de Andrade. Com isso, o que se quer é fugir da larga tolice de um certo entendimento *essencialista* da verdade, e assinalar o caráter de construção, de elaboração, e até de artifício, desse relato. Não, claro, no sentido de ficção, mas de disposição e organização das informações, dos dados e das situações. [grifo do autor] (CANÇADO, 2006, p. 15).

Cançado foi professor da PUC- Minas Gerais, jornalista e crítico literário. Em 1991 empenhou-se em escrever a primeira biografia sobre seu conterrâneo Carlos Drummond de Andrade. A partir da decisão tomada e da ciência do trabalho que estaria por vir, o desafio maior do biógrafo não seria encontrar e estudar o material escrito pelo poeta, mas sim a busca pelas pegadas deixadas pelo autor, que, circunspecto como era, sempre se preocupou em tentar manter sob controle tais vestígios.<sup>4</sup> Para dar conta do objetivo, foram dois anos de pesquisas envolvendo cerca de 100 entrevistas e estudos de vários jornais e revistas que circularam em determinado período no Brasil com as crônicas, artigos e poemas do autor. Tendo a primeira edição lançada em 1993 e a segunda, somente em 2006, ano de morte do biógrafo, *Os sapatos de Orfeu* continua sendo até hoje a única biografia sobre Drummond.

Escrever sobre o poeta configura-se como desafio, é o que os comentaristas e o próprio autor da obra enfatizam nos paratextos do livro, quando falam do acesso restrito aos diários e anotações pessoais do autor, sempre muito reservado e introspectivo. Sobre essa dificuldade da escrita biográfica explícita não só por Cançado, mas por muitos biógrafos, Levi

---

<sup>4</sup> Drummond manteve até o final de sua vida um acervo impecavelmente organizado com sua obra. Todavia, sempre preocupado com isso, o poeta cuidou para que o grande volume de cadernos que representa seu diário não fosse publicado, nem exposto. Algumas páginas apenas foram selecionadas pelo próprio para tal fim, o que resultou na publicação do livro *O observador no escritório* em 1985.

(2005, p.169) questiona: “Pode-se [afinal] escrever a vida de um indivíduo? Essa questão, que levanta pontos importantes para a historiografia, geralmente se esvazia em meio a certas simplificações que tomam como pretexto a falta de fontes”.

A partir dessa reflexão, é possível elaborar outros questionamentos: Se o biógrafo tivesse maior acesso aos “vestígios” deixados por Drummond sobre sua vida pessoal, por exemplo, em que medida isso facilitaria a escrita sobre o poeta? E se fosse outro escritor? Outra personalidade pública ou desconhecida? O desafio de biografar não seria o mesmo? Apesar de muitas biografias diagnosticarem em seus paratextos sobre essa dificuldade em escrever a vida, camuflada pelo argumento da insuficiência de fontes, acredito que tal dificuldade seja inerente ao papel de biografar, independente de quem seja o biografado e da disponibilidade de fontes. Derrida (2002) arremata a questão quando diz: “Se a legibilidade de um legado fosse dada, natural, transparente, unívoca, se ela não pedisse e não desafiasse ao mesmo tempo a interpretação, não se teria nunca o que herdar.” (DERRIDA *apud* CARDOSO, 2002, p.130). Mesmo assim, vale dizer que parece comum o tom de justificativa pelo trabalho (não) realizado. Compreendida a proporção do desafio interpretativo que é biografar, venho a destacar um trecho da nota do autor, que diz:

A meu ver, o interesse das biografias reside no fato de elas serem a socialização de uma época e de uma cultura inteira, com seus elementos, humores, situações e obras na existência de um único indivíduo. (CANÇADO, 2006, p. 17).

Se, por um lado, Cançado recorre à história para explicar a vida de um indivíduo, preocupado em socializar uma época, por outro, ele assume que mesmo estando inserido num contexto histórico, ainda assim, o indivíduo biografado pode transbordar do círculo e do universo dessa cultura, escapando de qualquer definição concreta e estática. Como é o caso de Drummond: o poeta que atravessa a história do Brasil no século XX e que, por vezes, foge à regra de um comportamento coletivo. Ou seja, apesar de se esforçar pela representação de

uma cultura “inteira” querendo fazer da existência de Drummond algo inteligível e cronológico, o biógrafo não deixa de lado o bom senso e admite que o poeta nem sempre se “encaixa” em um lugar comum, passível de definição. Esse sentimento de não-lugar, de ser *gauche* na vida, era, inclusive, algo muito específico do poeta, que não poderia, de fato, ser ignorado:

Ao contrário de toda uma mitologia familiar, rural, própria de um certo mundo social e ideológico brasileiro, não há nada na infância de Drummond que possa sugerir que a vida com os irmãos tivesse permitido a ele conhecer essa atmosfera de domesticidade e o sentimento tranquilizador de fazer parte de um mesmo grupo. (CANÇADO, 2006, p. 34).

Mesmo sabendo da impossibilidade de colar os cacos dessa xícara biográfica sem causar estranheza, o autor faz questão de justificar:

As digressões que há aqui e ali no livro, e que poderiam comprometer a *pureza química* do gênero biografia, eram inevitáveis. São a forma de mediação capaz de situar um autor, uma obra, uma estética, uma visão de mundo na ordem geral da cultura. (CANÇADO, 2006, p. 16).

Este recorte traz consigo outra pergunta importante para o estudo da biografia: qual seria a “pureza química” do gênero? O próprio autor parece estar dividido entre um pacto “biográfico” (cf. LEJEUNE, 2008), comprometido com o sentido cronológico da representação da vida de Drummond e uma conscientização sobre a impossibilidade dessa tarefa. É o real exemplo da ambiguidade que abarca o gênero biografia, como lembra Levi (2005) e que parece ter tomado conta também dos questionamentos do biógrafo, que escorrega entre uma biografia tradicional e linear e uma biografia fragmentada, que aceita uma percepção do sujeito pluralizado e, por sua vez, não corresponde a uma identidade estática.

Este posicionamento irresoluto da parte do biógrafo se infiltra naturalmente ao longo da obra. Nas 367 páginas, Cançado não se permite desviar da linha do tempo. Sobre isso, Bourdieu, no texto “A ilusão biográfica”, alerta:

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar. (BOURDIEU, 2005, p. 185).

Se, por um lado, o biógrafo respeita essa tradição literária, por outro, esteve empenhado em atrelar a história do Brasil, minuciosamente (re)contada no livro, à história da trajetória de vida de Drummond, sem com isso ignorar os deslocamentos do poeta dentro dessa história. Reconhecer, nesse contexto, o estado de interdependência entre fatos históricos sociais e uma história de vida, que nem sempre correspondem entre si de forma organizada, define-se como tarefa essencial para o biógrafo. Por isso, Bourdieu diz:

Não podemos compreender uma trajetória (isto é, o *envelhecimento social* que, embora o acompanhe de forma inevitável, é independente do envelhecimento biológico) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou. (BOURDIEU, 2005, p. 190).

O biógrafo não foge destes enlaces entre uma trajetória e outra (a social e a biológica). O tempo todo ele se preocupa em situar Drummond diante dos fatos, levando em consideração os agentes envolvidos e deixando claro o desenrolar dos fatos na medida do possível. No entanto, o lugar do texto em que Cançado inevitavelmente aceita o deslocamento é quando fala da personalidade do autor e assume que este não pertence a lugar nenhum, a grupo nenhum: “Drummond tinha andado por dentro de si mesmo, da sua poesia, da cultura do país e do seu tempo” (CANÇADO, 2006, p.163). Ele já não era mais o poeta da pedra no caminho, ele era o poeta que rolava pela montanha, como disse José Lins.

Drummond não apenas andou por dentro de si mesmo como também percorreu o século XX acompanhando as transformações sociais ocorridas nesse período e se posicionando diante delas através de suas obras. O intelectual Stuart Hall desenvolveu estudos sobre a mudança estrutural na constituição do sujeito ao final desse século e aponta na obra *A identidade cultural na pós-modernidade* sobre a crise de paradigmas que culminou na pluralização da identidade dos sujeitos:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Essas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um ‘sentido de si’ estável é chamada, algumas vezes, de duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo. (HALL, 2005, p. 9).

O poeta acompanhou e vivenciou essa crise, que se refletiu, inclusive, na trajetória cultural da arte no Brasil. Essa descentração explica, em partes, seu posicionamento político instável e, quem sabe, até sua vida amorosa e poligâmica, que também é sutilmente biografada no livro. Em seus trabalhos, essa fragmentação e pluralidade também ficam evidentes, visto que o poeta se dedica tanto aos poemas memorialistas de infância, quanto aos contos eróticos, pouco conhecidos. Desse modo, não há espaço numa biografia sobre Drummond para uma definição concreta sobre sua identidade. Pelo contrário, é preciso assumir essa pluralidade, deslocamento, não-lugar. Cançado compreende essa necessidade e descreve em um dos capítulos que discorre sobre a fase mais madura da vida do autor: “Mas era esse mesmo o seu paradoxo e a sua condição: esse homem que parecia não pertencer a nada, dessemelhante absoluto, parecia também, por isso mesmo, condenado a participar de tudo” (CANÇADO, 2006, 254).

Naquilo que diz respeito à identidade, Drummond, em seus poemas questiona essa constituição, o que demonstra a forma como esses questionamentos e mudanças de paradigmas atravessaram também a obra do autor:

Verbo Ser

[...]

É terrível, ser? Dói? É bom? É triste? Ser: pronunciado tão depressa, e cabe tantas coisas? Repito: ser, ser, ser. Er. R. Que vou ser quando crescer? Sou obrigado a? Posso escolher? Não dá para entender. Não vou ser. Não quero ser. Vou crescer assim mesmo. Sem ser. Esquecer. (ANDRADE, 2006, p. 293).

Frente a essa nova estrutura do sujeito pós-moderno, Cançado não poderia deixar de levar em consideração, ao tentar definir Drummond, a impossibilidade de definição do poeta enquanto sujeito de uma única identidade.

No ato de biografar, outro desafio para o biógrafo está no afastamento necessário entre si e a figura de seu biografado. Marília Rothier Cardoso, no texto “O retorno à biografia” fala sobre essa relação aludindo ao pensamento do teórico Derrida:

O biógrafo, por sua vez, coloca-se, voluntária ou involuntariamente, na posição de herdeiro do biografado; deseja ressuscitá-lo para fundar o poder de seu próprio nome ou confirmar seus pontos de vista pessoais, tendo, como base, a vida e obra de seu objeto. Ao reunir fontes para compor o relato, não faz mais que conjurar um fantasma. (CARDOSO, 2005, p. 116).

Ao escrever sobre a vida de Drummond, Cançado mantém um distanciamento sensato entre si e o seu “fantasma”, sempre levando em conta a aparência secreta do objeto admirado, sem exaltações exacerbadas. O biógrafo respeita, inclusive, as zonas indeterminadas do sujeito biografado, como elucida Candido no texto “A pessoa e a personagem”. Ele não trata Drummond como personagem, por isso respeita o sujeito e suas respectivas zonas de indeterminação, aquelas em que não se pode definir e limitar a descrição do biografado como se fosse uma personagem de características contáveis e passíveis de delimitação. No esforço de manter essa distância e certa “neutralidade” (o que insita uma outra discussão que não adentrarei aqui), Cançado comenta em sua nota, no início do livro:

Também não pretendi ser o biógrafo (como espião do poeta em *O espião janta conosco*) que “jantasse com a família” de Drummond, admitido na copa e na cozinha, farejando todos os desvãos e gretas por onde pudesse saltar o irrespirável. Nas vezes em que estive com o neto de Drummond, Pedro Augusto, ele me passou algumas informações curiosas sobre o avô, às quais fui fiel. (CANÇADO, 2006, p. 16).

Não sabemos até que ponto se pode afirmar essa fidelidade ao escrever sobre a vida, seja sobre o *eu* ou sobre o outro. A intenção do autor, aqui, certamente foi esclarecer o quanto tentou manter certo afastamento e respeito à família, sem querer cumprir papel de espião, intrometido. Todavia, não parece certo deixar de questionar sobre a (im) possibilidade dessa integridade dos fatos relatados. Antonio Candido (1981), no texto “A personagem do romance”, defende a ideia de que a palavra escrita é ficção e de que a partir do momento em que nos dispomos a escrever sobre a realidade, não é possível garantir a veracidade dos acontecimentos tal como eles foram. Nesse sentido, a fala do biógrafo parece, sobretudo, um pouco ingênua, não só por defender que está sendo fiel aos fatos, mas também por se referir à biografia como um gênero que exige uma “pureza química”. O que o autor chama de pureza química seria então o comprometimento com a veracidade do que se escreve-conta-relata em uma biografia. Mesmo assim, ele reconhece, em seguida, que as digressões e desvios dessa “pureza” foram inevitáveis.

Voltando olhar, novamente, para o texto de Cardoso, destaco um trecho que a meu ver representa uma das principais tônicas de seu texto, em que discorre sobre o ato de biografar:

A atividade biográfica, entendida como conjuração de fantasmas, é aquela que leva em conta o ‘trabalho’ desempenhado pelos mesmos, isto é, sua ‘potência de transformação’. Biografar deixa, portanto, de ser um registro do passado, para voltar-se para o futuro. Tanto o que doa quanto o que recebe a herança (do conhecimento e do poder daí resultante) fazem parte da construção do porvir. (CARDOSO, 2005, p. 136).

Pensar a biografia desse modo é atribuir a ela uma funcionalidade social que vai além do simples gesto de registro do passado. Nesse caso, o resumo do existido trabalha a

favor da história. O biógrafo alinhado a essa ideia não apenas escreve sobre a vida de alguém, mas se pergunta como essa existência interferiu, interfere, ou interferiria em nosso presente. Essa perspectiva dá novos significados ao passado e tenta situá-los no presente, e, se possível, repensando sobre um futuro. Esse movimento lembra uma das alegorias benjaminianas presente em suas “Teses sobre o conceito de história”: o salto do tigre. Sabendo que não se pode mais conceber a história como algo estático e cronológico, entende-se que ela é viva e está em movimento, tomada pelo passado e presente, e (talvez) em favor de um futuro.

Explico. Na tese XIV, Benjamin fala sobre citar o passado no presente, sugerindo um movimento: o salto do tigre. O autor declara que esse salto é dialético, o tigre parte do presente, ele pula em direção ao passado, mas não salta para lá ficar. O animal que é ágil e ao mesmo tempo meticuloso volta, dessa vez num salto maior, em direção ao futuro. Nesse movimento, é proposto um diálogo entre os três tempos. Por isso, tanto o passado quanto o futuro estão constantemente contaminados pelo tempo presente. O historiador da escola de Benjamin precisa aprender a dar esse salto, a buscar os cacos da história e trazê-lo ao presente, tentando resignificá-los. Segundo Reyes Mate, estudioso das teses, o trabalho do historiador é “saber ver o realmente novo ou atual do passado” (MATE, 2011, p.299).

Do mesmo modo, se levarmos em conta a definição de Cardoso para o ato de biografar juntamente com as ideias de Benjamin, podemos mais uma vez assimilar a missão do historiador com a do biógrafo. Ambos precisam estabelecer diálogo entre o passado e o presente, direcionando-se para um futuro. Na obra de Cançado, este movimento não está tão explícito. Durante a leitura, não é possível encontrar um espaço bem definido em que o autor tenha tentado situar a história de vida de Drummond no presente. Toda a dinâmica do autor parece estar realmente voltada para o passado sem provocações de reflexões sobre como Drummond se portaria diante das novas tecnologias do século XXI, por exemplo.

Deve estar claro que nada impede que esse movimento seja dado pelo próprio leitor, que ao interagir com a obra, pode chegar a essas reflexões. Porém, em se tratando da intencionalidade explícita na biografia de Cançado, esta não foi uma estratégia adotada por ele. Seu trabalho corresponde estritamente ao registro do passado, sem problematizar presente ou futuro.

Finalizando esta análise, cabe elencar algumas afirmações sobre a obra e as temáticas discutidas, tendo em vista os apontamentos feitos até aqui. Ao início do texto, comentei sobre o caráter híbrido da biografia, que como dizem Herschmann e Pereira (2005) é atravessado pelo documental, interpretativo e ficcional, o que torna o gênero não só mais complexo para ser explorado, mas também desprovido de um contorno nítido para definição. Este diagnóstico confirma a necessidade de estudos epistemológicos a respeito da temática.

Depois, ficou claro no decorrer do texto o quanto a relação entre biografia e historiografia é estreita. Apesar de que as fronteiras entre uma e outra encontrarem-se ora borradas, ora definidas, não se pode negar a relação de interdependência entre biografar e historiografar. Uma coisa atravessa a outra, principalmente quando ambas têm o mesmo objetivo: o de rememoração, registro do passado, sem desviar o olhar do futuro.

No que diz respeito à postura do biógrafo, ele aceita, como vimos, a impossibilidade de transformar Drummond em uma xícara menos estranha. Na busca pelos rastros de seu Orfeu, se, por um lado, Cançado nega qualquer ficção (o que parece de certa forma ingênuo), por outro, assume que não quer em seu trabalho elencar um entendimento essencialista sobre a obra e vida drummondiana.

Fato é que entre um comentário e outro, o biógrafo se posiciona de forma paradoxal. Ao mesmo tempo em que se esforça para amarrar a história de Drummond a uma linha cronológica dentro de um contexto histórico da sociedade brasileira de maneira mais tradicional, escapa dessa linha e vai parar no “não-lugar” que foi a vida do poeta no meio em

que vivia. Talvez seja essa uma das lições deixadas pelo seu “fantasma”: a de que é preciso assumir esse “não-lugar” e abrir mão daquilo que é reto, passível de definição.

Essa discussão muito tem a ver, inclusive, com o momento histórico social pelo qual passou Drummond ao final do século XX. A crise de identidade, como apontou Hall (2005), instalou-se nitidamente nos sujeitos da época e se espalhou em todos os setores da sociedade, desde a arte, até o ritmo de vida e interesse das pessoas. Era dado início a caminhada e desafios do sujeito pós-moderno que se estendem até hoje. Cançado assume o desafio de transpor essa trajetória em sua biografia e o faz de forma respeitável.

Por fim, importa dizer que a biografia, assim como a historiografia, adepta da concepção histórica de Benjamin, trata-se inquestionavelmente de um movimento dialético claro: o salto ao passado, cujo olhar está voltado para o futuro, sem perder de vista o lugar do agora. Ou seja, ressignificar o passado, repensando, para isso, o presente e o futuro. No resumo do existido sobre a vida de Carlos Drummond de Andrade, que Cançado se propõe a fazer, esse movimento paradoxal fica evidente e abre espaço para as problematizações feitas aqui sobre o ato de biografar, bem como outras tantas que ficam em aberto como possibilidade de futura pesquisa.

## **REFERÊNCIAS**

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Boitempo: Esquecer para lembrar*. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

\_\_\_\_\_. *Boitempo: Menino Antigo*. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (org.) *Usos & Abusos da História Oral*. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p.183-191.

CANÇADO, José Maria. *Os sapatos de Orfeu*. São Paulo: Globo, 2006.

CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

CARDOSO, Maria Rother. Retorno à biografia. In: OLINTO, H.K.; SCHOLLHAMER, K.E. (org.). *Literatura e Mídia*. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

HERSCHMANN, Micael; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. O boom da biografia e do biográfico na cultura contemporânea. In: \_\_\_\_\_.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10.ed. Rio de Janeiro: D&P, 2005.102p.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (org.) *Usos & Abusos da História Oral*. 6.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p.167-182.

MATE, Reyes. *Meia-noite na história: comentários às teses de Walter Benjamin “Sobre o conceito de história”*. Trad. Nélio Schneider. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.